

A FORMAÇÃO SOCIAL DOS BACAMARTEIROS DE CACHOEIRINHA: CONTRIBUIÇÃO DA SUA EXPERIÊNCIA RELIGIOSA

Adenilton Moises da Silva[1]
Wellington Silva de Andrade[2]

Resumo
Este trabalho se propõe a apresentar as experiências religiosas populares do Grupo dos Bacamarteiros, situado na zona rural da cidade de Cachoeirinha, Agreste de Pernambuco. O Batalhão 16, assim denominado o grupo, é uma expressão cultural que participa animando os festejos juninos, as procissões religiosas e as celebrações dos padroeiros na zona rural. Com base nos traços da religiosidade popular, analisaremos a questão do processo formativo do grupo, isto é, sua origem, seus membros, suas tradições, que englobam os traços característicos culturais e religiosos, tais como: as danças típicas, as rezas, os cantos e as roupas, numa performance ritualística que expressa a sensibilidade religiosa e a resistência cultural destes Bacamarteiros. Através dessas manifestações, investigaremos como constroem uma identidade social organizada, que se reflete nos próprios festejos, inserindo crianças, jovens, adultos e idosos de ambos os sexos. Suas celebrações realizadas num estilo local e identitário, utilizando-se de cantos e rezas, reverências e tiros ajudam na manutenção da experiência coletiva.

Palavras-chave: Bacamarteiro. Religiosidade. Cultura. Celebração.

Trajetória Histórica dos Bacamarteiros de Cachoeirinha

Esse movimento cultural está situado nos sítios Jucazinho e Jupi na zona rural de Cachoeirinha – PE, a 06 km de distância da cidade. Acontecia nessas localidades, principalmente, nas festas juninas de São João e São Pedro, os moradores se reuniam para contar causos e comer iguarias de milhos colhidos nesses períodos, e por meio desses fatos agradeciam as farturas dos celeiros e as bênçãos das chuvas que Deus lhes dava.

[1]Licenciado em Filosofia pelo INSAF – Instituto Salesiano de Filosofia em Recife; graduação em Teologia pelo Instituto de Teologia de Caruaru – PE; mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco. E-mail: adenilton.silva80@gmail.com
[2] Graduado em Ciências com Habilitação em Matemática – FAMASUL – Faculdade de Formação de Professores da Mata Sul; Pós-Graduação em Matemática Comercial e Financeira – UFRPE – Universidade Federal Rural de Pernambuco; mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco. E-mail: wellingtonandrade@yahoo.com.br



Haviam poucas casas e situavam-se relativamente distantes da realidade atual desses sítios. As chuvas eram mais intensas nesse período do ano. O acesso à vila de Cachoeirinha requeria dificuldades de transportes. O contato com os meios de comunicação era quase inexistente, restava-lhes a criatividade de produzirem alguns artefatos capazes de suprir essas carências. A distração tornou-se uma necessidade primária, devido às fadigas dos trabalhos exigidos pelas plantações e árduos serviços braçais. Uma das principais iniciativas dos moradores foi incrementar nos festejos juninos os tiros de pólvoras e as danças nos terreiros de algumas casas.

Os principais festejos, comumente, ocorriam na casa do casal André Avelino da Rocha e Serafina Padilha Freitas, no sítio Jucazinho próximo ao açude municipal[3]. A casa era um ponto de referência social, visto não ter na localidade outro espaço para os encontros comunitários. Na falta de um templo religioso, a residência do casal substituía e assumia a importância do espaço sagrado, todavia, essa realidade era assumida apenas nos meses de maio e junho por ocasião das noites dedicadas à Virgem Maria e aos santos, Senhor São João e Senhor São Pedro.

Também havia celebrações juninas na comunidade rural de Jupi, sobretudo, na casa de José Severino da Cruz (Seu Bader) e sua esposa Terezinha. Ambos residiam onde hoje funciona o grupo escolar Baronesa do Amaraji – nessa escola, atualmente, estuda parte dos filhos dos Bacamarteiros. Foram as relações entre esses dois casais que fortaleceram e produziram o desenvolvimento dessa cultura nas duas comunidades. Favorecendo a participação de muitas pessoas e criando um compromisso de continuidade, visto que, em Cachoeirinha, fora uma produção originada pela população local, embora, depois venha a ganhar novos aperfeiçoamentos e padronizando-se de forma mais organizacional.

Em meados do século XIX os vizinhos das redondezas se reuniam nas casas desses casais para festejarem os santos juninos com alegria, devoção e fé. Alegre porque tinha os inícios das primeiras colheitas feitas a partir do dia 19 de março, dia

[3] Por ser uma construção feita por esse senhor acabou ficando conhecido como “Açude dos Andrés”. Hoje, pertence ao município e abastece a população do sítio Jucazinho e outras localidades próximas. André Avelino e seus filhos, José Quirino, João André, Damião Quirino, Manoel André, Delfim Quirino, Antônio Quirino, Josefa Avelina, Felícia Avelina e Francisca Avelina, cuidaram do açude por duas gerações. Mas em 1969, aos 84 anos de idade falece Joaquim Quirino da Rocha, neto de André Avelino, dando fim ao ciclo de gerações que preservaram familiarmente o reservatório de água. Dado esse fato, na década de 1980, os moradores solicitaram à Prefeitura de Municipal uma ampliação e reforma para um maior aproveitamento das águas. As reivindicações foram atendidas, sobretudo, tendo em vista as necessidades causadas pelas secas no agreste-meridional de Pernambuco.



de São José, esposo da Virgem Maria[4]. Fé porque acreditavam que essa fartura era graça de Deus em suas vidas. Devotos aos santos festejados pela aproximação humana e afetiva com que os santos católicos se revelavam na cotidianidade de suas realidades existenciais:

> O catolicismo rural... contém... uma mística da natureza em que o homem se vê numa dependência incondicional em face das forças do cosmo, vividas como manifestações de piedade que se externam sob os símbolos do catolicismo em ciclos condicionados pelas estações do ano e datas da vida: festas dos santos padroeiros, dias de festa que voltam no ciclo do ano (como Sexta-feira Santa e sua procissão de Jesus morto, ornado festivamente). A ação festiva é narrativa: é a comemoração repetida do santo que tem feições heroicas e transformadoras. Na festa, a consciência mágica torna-se mítica. A história dolorosa da própria vida quase não recebe atenção: gente pobre tem santos ricos. As festas religiosas são também pontos culminantes da vida social e as tradições religiosas são funcionais para a conservação do estado presente (HIGUET, 1984, p. 24).

Diante desse contexto, a comunidade tem uma especial devoção a São José[5], dando início ao ciclo das plantações das lavouras e protetor das famílias do campo, sobretudo, porque cria a expectativa da proximidade das grandes festas juninas que os Bacamarteiros mais celebram. Planta-se a esperança de um ano farto para as famílias nordestinas. Esperam colher seus frutos da terra justamente no mês junino, período das grandes festas preparadas com comidas típicas, danças, fogueiras, fogos e balões, sobretudo, pelas reuniões familiares em torno das mesas cheias de iguarias de milho e mandioca. Essa experiência de preparação das festas e da devoção dos santos fica clara na fala da porta-bandeira do grupo:

> Minha madrinha Leotorda (esposa de Abílio) fazia bolos de milho, matava galinha. A gente, eu e minhas primas, enfeitávamos o terreiro com bandeirinhas. Tio Abílio comprava fogos de artifícios e ficávamos esperando. Por volta das 09 horas da manhã eles chegavam, atiravam no caminho em um serrote que tem, para avisar

[4] Essas informações foram ditas pelo Jairo Calado membro responsável pela nova formação do grupo dos Bacamarteiros.

[5] Ressaltamos que a principal devoção aos santos católicos do grupo está direcionada a São João. No estandarte dos Bacamarteiros é a figura desse que prevalece com maior vigor. A festa normalmente é celebrada por grande parte dos nordestinos na véspera do dia 24 de junho, contudo, os atiradores optam pelo dia da natividade de São João Batista. O grupo se reconhece como o santo, portador e anunciador de Cristo nos dias atuais. Levam aos moradores à alegria da vinda do Cordeiro e anuncia a remissão dos pecados e a alegria por serem perdoados e abençoados pelas farturas do campo.



> que iam chegando. Nós íamos encontrar. Quando chegavam a casa, madrinha e tio iam recebê-los na porteira. Eles entravam cantando, atiravam, dançavam ao som da viola, do bumbo e do reco-reco, almoçavam e à tardinha iam embora. Nós ficávamos com muita saudade, mas à noite íamos todos para o cruzeiro onde era rezado o terço de São José (Maria Carlinda da Silva).

Por terem tal prática de vida, os primórdios dos Bacamarteiros buscavam dá importância às rezas do terço, das novenas e a realização das procissões, tudo isso com pouco discurso teológico, mas perpassado por inúmeras cantigas religiosas. Essas celebrações inseriam a todos. O povo local era o protagonista das rezas, uma vez que o catolicismo era popular e não havia presença de representante do catolicismo sacramental, dogmático. Rezava-se pelas famílias e nas famílias. Os pedidos eram feitos por todos e por suas necessidades de seres humanos ligados as coisas campestres. Todo esse jeito de rezar envolvia um modo próprio que corresponde às expectativas da comunidade local. Por meio disso, foram capazes de produzir uma maneira de reza aguçada pela corporeidade:

> O corpo permite a comunicação. Mesmo com todos os aparelhos e técnicas modernas, a base de nosso contato será sempre o corpo que usa esses instrumentos. Nada poderá substituir o contato direto dos corpos. Cada cultura tem o seu sistema de símbolos, de palavras ou de gestos simbólicos que permitem a comunicação. A língua é o fundamental, mas há todo um vocabulário feito de gestos do corpo – por meio dos olhos, da boca, das mãos, dos pés (COMBLIN, 2007, p. 91).

O corpo é o grande instrumento de oração. Mecanismo de contato com a divindade.

Os festejos

Nesse momento os primeiros participantes[6] eram habituados a ver as festas juninas sendo animadas pelos tiros das ronqueiras – um instrumento de ferro carregado com pólvora e pendurado por um arame para ser balançado e jogado contra a parede ou pedras com a finalidade de provocar um enorme estrondo, semelhante a tiros muito fortes. Ainda usavam uma espécie de arma artesanal produzida pelos moradores locais, denominada de cano solto – artefato de ferro utilizado para fazer disparos maiores do que as ronqueiras. Enchia-se esse cano

[6] Segundo o testemunho de Damião Quirino da Rocha, os três primeiros bacamarteiros a aderirem a brincadeira foram: José Pedro, João Ferreira Calado (João André) e Manoel Batista (Mané Ligeiro).



com pólvora sobre a calçada para ser, em seguida, acesso com uma brasa que era tirada das fogueiras juninas[7] com o intuito de provocar um grande tiro, dizem ser tão forte, que chegava a apagar os candeeiros da casa e do alpendre.

André Avelino possuía uma dessas armas de tiro artesanal, mas também, uma de cano grosso e curto, a qual ele nomeou de "nossa menina". Afirma-se que esse artefato bélico de cano grosso e curto foi utilizado na Guerra do Paraguai (1864-1870) em meados do século XIX[8]. Com efeito, de maneira desconhecida por seus parentes, esta arma veio parar nas mãos dele. Tal posse da arma gerou o resultado do que hoje se denomina Bacamarteiros do Batalhão XVI. A partir desse único objeto e das experiências praticadas com as ronqueiras e com as de cano solto começou um processo de aquisição de armas mais sofisticadas, possibilitando mais adesão e visibilidade das brincadeiras por parte dos indivíduos.

Entre os relatos dos Bacamarteiros destacam-se as condições sociais e econômicas das pessoas que compunham as comunidades de Jupi e Salgadinho. Dizem serem todos cidadãos pacatos, trabalhadores agricultores, pecuaristas e artesãos. Produziam, em especial, botas, gibão e outros utensílios de montarias, como selas e arreios. As mulheres se ocupavam do trabalho doméstico e da produção de rendas. Desse modo, contribuíram de forma direta para a manutenção da economia e do desenvolvimento cultural da cidade de Cachoeirinha. Esse jeito de ser possibilitou o autossustento da comunidade como ainda na preservação futura do conhecimento comunitário e a salvaguardar o artesanato local do coro e do aço.

Esses festejos por volta do ano de 1942 foram organizando o primeiro grupo de Bacamarteiros. Até então o modo como participavam eram muito aleatórios, visto que se reuniam apenas nas festas juninas ou no mês de maio. Por volta da década

[7] O fogo para acender essas armas só podia ser tirado das fogueiras juninas porque as mesmas eram dedicadas ao santo do dia. Proibia-se usar fósforos ou outros utensílios que produzissem calor para a combustão. Pois na compreensão desses indivíduos o fogo era santificado pelo santo devocional, o qual exigia que todas as oferendas a ele apresentadas deviam ser purificadas. Mais ainda, os tiros não eram para matar ou assustar as pessoas, mas para celebrarem – semelhantes a gritos humanos que querem despertar as divindades, chamando a atenção para as necessidades humanas – a presença do divino no meio do povo.

[8] Existem inúmeras especulações em torno da origem da existência dos Bacamarteiros. Impõem-se com mais relevância, a versão de que a brincadeira teve início com as comemorações dos que voltaram da Guerra do Paraguai. Com relação à arma a hipótese mais comum é a versão original que vem do Clavinote holandês do séc. XVII ou na Granadeira do Sistema Mineé francês, do meado do século XIX. A arma é citada na obra Os Sertões, por Euclides da Cunha, como parte do arsenal bélico dos "fanáticos" na histórica e altiva Canudos do beato Antônio Conselheiro. Pesquisa realizada no dia 12/04/2011. www.bacamarteirosdepernambuco.blogspot.com.



de 40 tentam sistematizar a maneira como deveria manter a unidade e a continuidade dos atiradores ao longo de todo o ano, afim de permanecer a tradição nas próximas gerações. Este movimento individual e familiar poder ser compreendido como sujeitos sociais que se situam numa:

> Sociedade que os humilha e os oprime, e deste modo, eles reconstituem um pequeno mundo que lhe é próprio. Nesse pequeno mundo eles encontram identidade. Podem ter seus terreiros, escolas de samba, escolas de capoeira e, em certas regiões, irmandades. Ali podem se reis ou rainhas. Estão longe da outra sociedade em que não são nada. Ali podem "viver" (...) Porém, esses não deixam de ser paliativos que não compensam a rejeição pela sociedade global e pelas elites dominantes. Quem se beneficia dessa compensação não pode ignorar ou deixar de sentir a presença de uma sociedade que o rejeita e o reduz à nulidade (COMBLIN, 2007, p. 56).

Desse modo, cria-se um mundo identitário com a finalidade de compensar a disparidade entre as realidades campestre e urbana. Sobretudo, buscam suprir a ausência da instituição católica que deveria nesse momento a grande vinculadora das relações sociais desse contexto histórico. Se havia uma sensação de nulidade entre os membros locais ocasionada pela mentalidade supersticiosa de uma modernidade ainda em fase de construção, eles precisam da construção de um mundo simbólico permeado de significados familiares e fertilmente sustentados por rezas, cantos, danças e tiros capazes de responderem as carências comuns de suas existências. Desse modo, a imagem das tradições inter-religiosas – catolicismo, indígena e afro – edificam a construção de um templo sagrado para expressarem sua fé.

Tendo estruturado o primeiro grupo de atiradores, esses homens são convidados a fazerem suas apresentações compostas de rezas, benditos, danças e tiros de bacamartes, nas comunidades rurais próximas. Suas viagens eram executadas a pé, pois não tinham condições de terem outro meio de transporte, senão, a caminhada, onde às vezes enfrentavam as chuvas e lamas nas estradas, porém, para eles tudo revelava um significado, eram perseverantes em cumprir um mandato sagrado. Funcionava como um meio de purificação por meio dessas penitências que comportavam o sacrifício de enfrentar chuva, poeira, longitude, cansaço e perigos noturnos.



> Um fenômeno ligado a própria natureza do homem. Ele se sente um ser a caminho. Sua própria vida é uma caminhada do nascimento para a morte, da juventude para a velhice e, em sua aspiração mais profunda, uma passagem desta vida efêmera para uma vida feliz após a morte. Por isso, sair de um lugar para buscar outro é próprio do coração humano. O homem é o eterno peregrino, o permanente "procurador" de Deus. Saímos de Deus e estamos em contínua tendência para Aquele que é o nosso Princípio e o nosso Fim. É daí que o caminhar adquire um sentido especial para o homem. Todos os povos têm seus lugares de romaria. É, por assim dizer, o subconsciente universal que está à procura de uma perfeição perdida: o paraíso perdido e a esperança de encontrá-lo, o céu (BECKHAUSER, 2007, p. 22).

Os santuários que correspondiam aos Bacamarteiros eram as casas da região. Para eles se dirigiam na perspectiva de estar em marcha de cumprimento do anúncio da Palavra de Deus a seu modo. Contudo, não era permitido aos Bacamarteiros do Batalhão XVI em dias de São João e São Pedro visitarem outras comunidades sem antes comparecerem à casa do mestre do grupo. Permaneciam em suas localidades, pois nos dias sagrados as celebrações já tinham lugares pré-estabelecidos a serem realizadas. Nessas duas datas que fazem referência ao calendário católico, o grupo se reunia na residência do mestre Damião. No terreiro da casa havia um cruzeiro de madeira e uma pequena capela dedicada a senhor São João e São Pedro. No espaço entre a casa e o cruzeiro, todo o ambiente era ornamentado com bandeirinhas coloridas e com palhas de coqueiros, de modo que, faziam-se corredores com a finalidade dos atiradores traçarem todo o trajeto até chegar à capela dançando, cantando e rezando todo o seu repertório religioso correspondente ao mesmo de junho. Eles criam em torno desse terreiro uma liturgia própria onde não há uma íntima ligação entre a casa de alpendre e a capela, entre a mesa da refeição e o altar da igreja. Entre o espaço sagrado e o humano há um ponto de ligação que é o cruzeiro fincado no pátio. É um intermediário entre a realidade terrestre e atemporal, entre o espaço familiar e o espaço santificado. Onde a cruz reúne a vida horizontal e a vida vertical, unindo dessa forma o humano ao divino.

Os encerramentos de cada celebração sempre aconteciam em volta do cruzeiro que ficava defronte à casa do mestre do grupo. O cruzeiro como espaço sagrado, torna-se um lugar de oração, onde rezavam terços para fazerem pedidos por uma excelente apresentação, como também ao término de cada folguedo



voltavam para rezar e agradecer os festejos que animaram com sua fé e danças. Todos os dias 24 e 28 de junho, às 17:00 horas os componentes dos atiradores se dirigiam à residência para ouvirem os repasses do mestre que se fundamentavam em orientações sobre o manuseio seguro da arma e como se comportarem nas residências onde fossem recebidos.

Diante desse ritual simbólico, torna-se imprescindível a confecção de uma vestimenta correspondente a significar a função identitário do grupo diante do sagrado e do povo comum. A fim de realçar a tradição que havia em outros atiradores, esses bacamartes de Cachoeirinha resolveram, na década de 1950, produzir seu primeiro fardamento de cor azul, chapéu de palha com uma flor vermelha, fita e laço vermelhos, simbolizando a continuidade da tradição regional do Agreste Pernambucano. Todo esse ritual simbólico se iniciava no raiar do dia, conforme depoimento de um dos membros:

> Às 04:00 horas da madrugada chegavam ao cruzeiro e faziam disputas dizendo que o tiro maior iria acordar São João. Nesta brincadeira, acordavam os vizinhos que, acostumados nem se importavam. Nesse momento acontecia um fato curioso. Segundo Damião (Quirino) e os atiradores (alguns) viam um rosto no Sol ao nascer, e julgavam ser o de São João, e mais, poderia o Sol estar encoberto ou brilhante que eles não se encandeavam isto só acontecia no dia 24 (de junho) (Janaina Santos).

Dado esses fatos, as observações apontadas nesses trabalhos servem para nos ajudar a perceber que há uma identidade cultural resiliente nas camadas sociais desfavorecidas na sociedade contemporânea. Esse fato vem historicamente desde a colonização do Brasil. Os negros, índios foram obrigados a silenciar suas crenças e culturas a mando de uma compreensão eurocêntrica da realidade humana. A qual se serviu do abuso do poder para impor seu modelo de sociedade, com efeito, tal imposição desembocou-se numa multiculturalidade, porque teve suas bases sustentadas pelas expressões de outros povos, possibilitando uma pluralidade cultural na formação da sociedade brasileira.

A partir das histórias dos Bacamarteiros de Cachoeirinha, descobrimos que no grupo existe uma estrutura organizacional construída internamente que favorece a identidade social de cada membro. No contexto em que se encontram os componentes, eles não fazem parte de uma massa social, pelo contrário, em suas



expressões culturais e religiosas tornam-se reconhecidas pelo nome e pela tradição familiar que pertencem.

Referências

BECKHAUSER, Alberto. **Religiosidade e piedade popular, santuários e romarias**. Petrópolis: Vozes 2007.

BURUTY, Joanildo A. **Cultura e identidade:** perspectivas interdisciplinares. Rio de Janeiro: DPeA, 2002.

COMBLIN, José. **A vida**: em busca da liberdade. São Paulo: Paulus, 2007.

DA COSTA, Sandro Roberto. **Interculturalidade e Religiosidade Popular**. In: BRUNELLI, Delir; TAVARES, Sivonaldo S. (Orgs). Evangelização e Interculturalidade. Petrópolis: Vozes, 2010.

Documento de Aparecida. São Paulo: Paulus, 2007.

Documentos do Concílio Vaticano II: **Gaudium et Spes**. Ed. 04. São Paulo: Paulus, 2007.

Documento de Puebla. Petrópolis: Vozes, 1987.

DOS ANJOS, Márcio Fabri. **O corpo no espelho da dignidade e da vulnerabilidade**. In: Corporeidade e Teologia. Sociedade de Teologia e Ciências da Religião – SOTER (Org.). São Paulo: Paulinas, 2005.

ELIADE, Micea. **O Sagrado e o Profano:** a essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

FERREIRA, Eusébio Josué. **Ocupação Humana do Agreste de Pernambuco**: uma abordagem antropológica para a história de Caruaru. Edições FAFICA. João Pessoa: Ideia, 2011.

FREITAS, Sônia Maria de. **História Oral**: possibilidades e procedimentos. São Paulo: Humanitas, 2002.

GONZÁLES, Ramiro. **Piedade Popular e Liturgia**. Trad. G. Figueiredo de Moraes. São Paulo: Loyola, 2007.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. **O Peregrino e o Convertido**: a religião em movimento. Trad. João Batista Kreuch. Petrópolis: Vozes, 2008.

HIGUET, Etienne. **O Misticismo na experiência católica**. In: Religiosidade Popular e Misticismo no Brasil. Ciências da Religião. São Paulo: Paulinas, 1984.

LADARIA, Luis F. **O Deus Vivo e Verdadeiro**. Trad. Paulo Gaspar de Mendes, SJ. São Paulo: Vozes, 2005.



MATOS, Henrique Cristiano José. **Nossa História: 500 anos de presença da Igreja Católica no Brasil**, Tomo I: Período Colonial. São Paulo, Paulinas, 2006.
MINAYO, Marica Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2004.

QUEIRUGA, André Torres. **O Diálogo das Religiões**. São Paulo: Paulus, 1997.
SOARES, José Fernando Ávila. **A Vivência do Divino na Tradição de um povo**. Petrópolis, Vozes, 1985.

VI, Paulo. ***Evangelii Nuntiandi***. Edição 19. São Paulo: Paulinas, 2006.
www.bacamarteirosdepernambuco.blogspot.com (acessado em 12/04/2011).